

Capítulo XIV - UM VOO NA NOITE...UM MERGULHO NA PENUMBRA

Naquele local da Baía de Guanabara, a noite não estava mergulhada em uma completa escuridão. A lua vivenciava o seu último dia da fase cheia e a quase ausência de nuvens no céu permitia que o luar espalhasse um tênue brilho sobre o mar. Além disso, uma limitada acumulação nebulosa ao redor do topo do Pão de Açúcar agia como um refletor multidirecional da forte iluminação das diversas áreas de lazer instaladas na parte superior do morro.

É muito provável que eu tenha, de forma instintiva, dado um impulso no momento seguinte a Ana ter soltado a minha mão, pois eu sabia que precisava superar alguns obstáculos que estavam na trajetória da minha queda: a mesa onde estávamos sentados no início do passeio, as cadeiras, a amurada do barco e os 2 casais que ainda se mantinham dentro do barco.

Diante de um choque iminente e sem as mínimas condições de controle para proteger a cabeça, a minha reação foi fechar os olhos, enquanto esperava pelo pior. Porém, tendo com única explicação uma graça divina, consegui passar incólume por todas as ameaças de colisão. E agora, nada mais existia entre mim e o mar, o destino inexorável da minha queda, alguns centímetros abaixo.

Em uma fração de segundo ocorreria a comprovação de um fato que eu negara desde quando a situação do passeio se mostrara extremamente arriscada. Sim, junto com mais de cem pessoas, eu estava prestes a me tornar um naufrago decorrente do insucesso de uma viagem de turismo pela qual havia pago um valor elevado, com o objetivo de contemplar, com conforto e segurança, a queima de fogos na praia de Copacabana.

E assim, aconteceu o impacto do meu corpo com a superfície da água. Mesmo caindo de forma atabalhoada, sem qualquer possibilidade de corrigir a forma como eu despencara do barco, pude sentir que estava rumando para níveis bem profundos. Afinal, o ponto de partida do meu indesejável mergulho tinha sido suficientemente alto para provocar aquele efeito de afundamento.

A mencionada limitação de reflexos durante a minha trajetória no ar causara a primeira perda material: o forte impacto com a água fez com que os meus óculos se desprendessem do rosto e, portanto, não houve como impedir a imediata queda em direção ao fundo do mar.

Capítulo XIV - UM VOO NA NOITE...UM MERGULHO NA PENUMBRA

Ainda com base em puro instinto de quem será arremessado em direção a uma grande quantidade de água, durante o meu curto voo eu aspirei a maior quantidade de ar possível, enchendo os meus pulmões. O volume capturado foi suficiente para permitir o meu retorno à superfície sem experimentar qualquer tipo de sintoma de que me afogaria, em decorrência do modo esdrúxulo como fui arremessado do convés do barco.

Quando consegui colocar a cabeça fora d'água, o meu primeiro reflexo foi passar a mão direita sobre a testa e pálpebras, afastando o cabelo molhado para a lateral do rosto, com o objetivo de evitar que a água acumulada na cabeça continuasse a escorrer pelos olhos, turvando a visão.

Nesse momento, com a mão tendo acesso livre aos olhos, me dei conta de que havia perdido os óculos. Além disso, outro sintoma comprovava a perda do artefato: a visão tinha ficado bem prejudicada, agravada pelo efeito da penumbra. Por meio de um pensamento fugaz, lembrei-me que havia decidido não colocar as lentes de contato antes de sair de casa. Nas circunstâncias que estava vivenciando, elas certamente teriam permanecido nos meus olhos, garantindo uma visão mais acurada.

O comportamento do mar estava longe de colaborar com todas aquelas pessoas que lutavam pelas respectivas vidas, algumas delas tentando socorrer seus familiares e amigos. As marolas causavam uma oscilação ampla dos corpos no sentido vertical, demandando muito esforço de cada um para se manter com a cabeça fora d'água. Uma sutil colaboração tinha como origem o próprio casco do barco, pois ao se manter ainda acima do nível do mar, servia como uma espécie de anteparo para os naufragos, reduzindo o impacto das ondas causadas pelos barcos mais velozes que continuavam a se deslocar rumo a Copacabana.

Os pedidos de socorro em altos brados já se sobrepunham na área do naufrágio, embora em alguns momentos podiam ser ouvidos os gritos de pessoas chamando por nomes específicos. O resultado da mixagem de vozes era uma situação caótica, sem perspectiva de amenização, pois não identifiquei a aproximação de nenhum barco para ajudar os naufragos, pelo menos naqueles primeiros instantes de grande confusão.

Capítulo XIV - UM VOO NA NOITE...UM MERGULHO NA PENUMBRA

Por saber nadar, eu estava vivendo os meus momentos iniciais de angústia, diferente do desespero da maioria das pessoas, e achei prudente realizar um check-up relâmpago: passando a mão em volta da cabeça e, em seguida, nas narinas, certifiquei-me de que não havia presença de sangue decorrente de um possível ferimento. Em seguida, movimente os 4 membros e constatei que não havia nenhum tipo de dor ou restrição em relação às articulações.

A súbita alteração da convivência extremamente agradável no convés, passando para aquela situação de naufrago com considerável grau de vulnerabilidade não permitiu que eu concluísse, imediatamente, que tinha ocorrido um verdadeiro milagre caracterizado pelo fato de a minha queda, iniciada sem nenhum preparo prévio, não ter causado nenhum ferimento ou limitação de movimentos.

Eu poderia ter feito outras avaliações em relação a áreas críticas da região torácica, por exemplo, associadas à letalidade do ser humano. No entanto, não havia tempo a perder com outras análises detalhadas que não fossem sumamente prioritárias, tendo em vista aquela situação emergencial.

Não havia meio termo. Era noite e eu estava tentando me manter com a cabeça fora d'água, além de precisar tomar decisões rápidas e eficazes. Afinal, na queda eu havia me separado de Ana e a mudança de cenário tinha sido drástica: do romance em plena evolução, abençoado por uma noite que prometia ser inigualável, o quadro impensável que se formara, agora, diante dos meus olhos, era o Bateau Mouche com seu teto em posição perpendicular à superfície do mar, compondo o pano de fundo de um naufrágio que começava a adquirir os contornos de uma gigantesca tragédia.

Uma imagem tétrica que jamais se apagará da minha mente !

